

JORNAL DA EXYSTÊNCIA: A MORTE ADUBA O BANDO - UM CONJURO

zeca carú de paula Seabra¹

RESUMO

O tempo do coração batendo findou no descaso médico, no racismo bem articulado, na transfobia anunciada, na transparência do médico implicada na parcela de vida que se manifestava no corpo, outrora manifesto pulsante da existência, outrora em ebulição de manifestações e festas bacterianas. Encerrar nos atos pulsantes do coração a vida seria como atualizar o abuso racista do médico, na raiz única do aclamado tempo linear. Encerrar a vida no corpo, contrapô-la à morte e não ao desencanto e a infertilidade da segura, é a ideia a qual neste conjuro - relato recusamos, que não nega o racismo e a transfobia da negligência médica, contudo convoca estar à altura dessa violência e narrar outro destino. Nesta edição do Jornal da exystência, o relato de uma morte que, na exigência de um ato ético, aduba um bando e subverte a sentença racista de quais vidas importam, para dar outro destino que não a indignidade, que o modo de vida colonial convoca.

PALAVRAS-CHAVE: *testemunho, tempo, memória, luto, pensamento contracolonial.*

¹ Psicólogo. Psicanalista. Mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutorando em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Compõe o Núcleo de Subjetividades. É poeta, multiartista y pesquisador. Coordenador e professor da Pós-Graduação em Atendimento Clínico das Diversidades sexuais e de Gênero do Instituto de Pesquisa em Psicanálise e relações de gênero (IPPERG), professor na plataforma BRAVA, espaço independente de educação contra-hegemônica. Atuou como psicólogo da Rede de atenção psicossocial no centro de São Paulo de 2017 a 2020, coordenou o projeto *Acolhe LGBT+*, que viabilizou atendimento psicológico para a população LGBT+ brasileira em todo território nacional entre 2020 e 2023. Em sua pesquisa, navega questões como Ética e Contra Colonialidade. Está atualmente no mundo como uma pessoa Transmasculina não binária. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0003-2777-1561> E-mail: carudepaulaseabra@gmail.com.

**EXISTENCE JOURNAL:
DEATH FERTILIZES THE FLOCK - CONJURATION**

ABSTRACT

The time of the beating heart ended in medical neglect, in well-articulated racism, in announced transphobia, in the transparency of the doctor implicated in the portion of life that manifested itself in the body, once a pulsating manifesto of existence, once in a boiling of manifestations and bacterial feasts. Enclosing life in the pulsating acts of the heart would be like updating the doctor's racist abuse of the single root of the acclaimed linear time. Enclosing life in the body, contrasting it with death and not with the disenchantment and infertility of dryness, is the idea that we refuse in this conjure - report, which does not deny the racism and transphobia of medical negligence, but asks to live up to this violence and narrate another destiny. In this edition of Jornal da exystêncyá, we report on a death that, in the demand for an ethical act, fertilizes a flock and subverts the racist sentence of which lives matter, in order to give them a destiny other than indignity, which the colonial way of life summons.

KEYWORDS: *testimony, time, memory, mourning, anti-colonial thought.*

JORNAL DA EXYSTÊNCYA

dispositivo conjurado por vidas comprometidas em dar testemunhos dos acontecimentos pró a dignidade da vida, desde a catástrofe, a crise, o crime das condições coloniais impostas a todos os viventes, em diferentes condições, tempos, territórios, subjetividades e escalas.

TESTEMUNHO

Uma morte que reivindica um feytyço, para que sua condição venha a ser outra, que não a indignidade simplista de um “fim em si mesmo” de uma vida, o que convoca a força da justiça de outra ordem, ética; a do real, a da vida em si, que não se inscreve a imagem e semelhança do humano.

Em uma manhã gelada de domingo, em um de nossos longos cafés da manhã, estávamos nós três, na mesa o cuscuz com erva doce que ela havia introduzido em nossa rotina desde o momento em que chegou em nossa casa, para dias curtos e a promessa de uma vida na antiga cidade da garoa. Passamos por temas distintos, dos densos aos banais, dos sonhos aos medos, pelas memórias mais ternas e pelos acontecimentos inexplicáveis, sobre os quais confabulamos saídas inimagináveis e planos para torná-los contos de um futuro ainda presente, o que me faz crer que é algo dessa ordem que busco aqui; contar do inimaginável que vivemos, um acontecimento “cabuloso”, infernal e fabuloso, tal qual fazíamos em nossos cafés pela manhã.

Em uma destas longas manhãs, ao redor da mesa pequena de madeira, coberta por uma toalha vermelha e rodeada de vidas de variadas espécies, confabulamos sobre a morte, do medo de sua chegada e das exigências de sua passagem, os desejos a respeito do momento e as compreensões múltiplas das dignidades devidas para ele. Se desejávamos um enterro festivo, ficar sob a terra ou vagar pelo mundo junto aos ventos e às águas como cinzas irreconhecíveis, ou até mesmo seguir um segundo tempo em outros corpos, com órgãos doados caso estivessem em bom estado.

Confabulamos a respeito do que pode ser tido por meras burocracias, mas se tratava, evidentemente, dos feytyços e rituais que desejávamos para nos assegurar que a passagem seria digna, e de quê? De uma vida a ser lembrada, de uma memória a ser preservada em

nome de sua vivacidade e dignidade antes da interrupção das batidas do coração. Serei sincero, apenas hoje isso me parece óbvio, que se tratava de uma conversa sobre a vida. Naquele momento, acreditava se tratar somente da morte. Ainda me recordo que disparamos comentários de como tratar tal assunto requer coragem, jovens que somos, parecia imprudente pensar a respeito da morte, sob os anseios morais e eurocristãos a respeito dessa falsa dicotomia entre vida e morte, mas corajosos que fomos, e acredito que seguimos sendo sem nenhuma modéstia a respeito disso, navegamos essa questão, a da morte (e da vida).

Hoje considero que esquecemos de algo importante, ao avaliar a exigência de coragem para essa conversa, que não se tratava apenas de ficar com o por vir certo da morte enquanto tão jovens, mas que a possibilidade precoce dela se tratava de uma realidade. E, talvez por isso, nos debruçamos afoitos pela questão, ainda que estivéssemos evitando o fato de que, ao sermos corpos dissidentes de gênero, sexualidade e raça em um país racista e que “mais mata pessoas trans” no globo, tratar da morte (e da vida) é uma urgência na medida da vida em si; como garantir que nossa morte não seja o atestado da força violenta da hegemonia, mas que ela siga a força do rio e dos ventos, o inegociável da vida? Se tratava de uma conversa sobre “como reivindicar” para nós, uma vida bem vivida, e uma morte que não se encerra na violência ou no plano de aniquilação, mas que venha a ser o que ela pode ser: a mais efetiva força da transmutação.

Nessa conversa me informei de seu desejo em ser cremada, guardei aquela informação com profunda ternura e responsabilidade, no momento pensei que seria algo que gostaria que fizessem por mim, que temo profundamente ser enterrado, mas algo mais parecia saber da importância dessa informação, e não me refiro a uma suposta premonição, mas da força e importância de se ter em partilha os desejos de encaminhamento de uma vida sobre ela mesma. Ela me disse, e decidiu por dizer para nós, e eu precisava honrar tal ato. Não me esqueci, nem mesmo no momento de sua morte meses depois.

O YNÝCYO DO FYM É POR VYR DO YNÝCYO

Sua chegada física no bando foi no meu aniversário daquele ano, aliás escrevo bem próximo do meu aniversário neste ano, talvez escreva para festejar sua chegada quase um

ano atrás e dez meses após sua morte. Chegou no início do fim, um presente sem precedentes.

Jovem, 26 anos e uma longa trajetória de feytyçarya, já era mestra e bruxa, relatava anseios por uma vida longa, fértil e próspera, gozosa e fabulosa, sua presença já se fazia um acontecimento, se tratava de uma sorte, um presente de vovó, sua chegada no bando. Artista, dançarina, quedista (neologismo conjurado para se referir ao trabalho com o corpo, quedas e a experiência de cair livremente), cineasta, piloto de drone, um avião. Destemida, parecia que nada a parava, nem mesmo as dores que já relatava desde que chegara, dores com as quais ficamos em outros tantos cafés da manhã, confabulando maneiras de cuidado, idas à unidade básica de saúde, ao pronto socorro, sugestões de medicação e possíveis diagnósticos. Fizemos coisas importantes juntos, nem acreditávamos que o bando havia encontrado mais um afluyente de sua existência.

AFLUYENTE QUE SEGUE VIVO, AINDA QUE COM SUA MORTE.

Voltou para casa após uma viagem ao Rio de Janeiro em uma sexta-feira, a última daquele mês, com dores fortes no corpo e febre alta, nenhum outro sintoma aparente ao menos não havia relatado. Naquele final de semana a casa estava cheia, gravamos um documentário sobre a vida digna de pessoas trans no contexto brasileiro. CARUARÊ (bando biodiverso composto também pelo artista Uarê Erremays e outros entes) registrou um feytyço em uma tela que ela havia registrado o preparo duas semanas antes, tela essa que segue no mesmo lugar desde aquele dia e que me faz companhia enquanto escrevo, imensa ocupando toda a parede que está em minha frente, escrevo em sua companhia, amiga, por diversas razões, mas também porque escrevo em seu antigo quarto, em nosso ateliê.

Foram ao menos quatro idas ao pronto socorro público, do Rio voltou com a suspeita de hérnia de disco, e em São Paulo ficaria sem diagnóstico até a autópsia do instituto médico legal nas clínicas. De seu retorno até sua morte foram cinco dias, faleceu no primeiro dia do mês, uma terça- feira, após a passagem de um cometa.

QUAIS VIDAS IMPORTAM? QUE CARA TEM A VIDA QUE IMPORTA?

A violência do modo de vida colonial, gerida pelo humano de verdade no tempo dos humanos, de pele alva, determina a subalternização das diferenças, sobretudo aquelas visualmente e esteticamente percebidas.

Muniz Sodré, em seu livro “O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional” assinala o “racismo a brasileira” como Paraestrutural que “significa estar fora da estrutura jurídico-político, mas dentro das vontades e das práticas”(2023, p.50), realocando a violência racial na organização do modo de vida, categorizando uma interdependência entre capitalismo, colonialidade e racismo, este último arraigado na primazia da visão, da estética, da diferença percebida em primeiro plano, do fenótipo, da cor da pele.

Um exemplo das condições do racismo a brasileira que Muniz Sodré tece, é o que acomete a população negra e dissidentes de gênero no sistema único de saúde, oriundo de um processo político fundamental, derivado de uma luta política do povo e de intelectuais comprometidos com a garantia de acesso à saúde de maneira universal pela população. Uma história que nos faz bradar a importância de um sistema de saúde gratuito e que se estende por todo o território nacional, garantido pelo Estado com portarias e leis contundentes a respeito da garantia de direitos, da universalidade e da equidade, que apesar de garantias fundamentais em termos da lei, corpos negros, indígenas e dissidentes de gênero seguem ocupando condições subalternas no que tange o valor de uma vida. Subalternizados sob justificativas variadas que se sustentam em um comum; existe algo de errado neles, que impede a seguridade de uma vida digna.

A violência que a matou é da ordem do modo de vida, das práticas médicas, das práticas de manutenção e compreensão do que pode um corpo e uma vida que se diferencia do humano de verdade no tempo dos humanos, de pele alva, gênero em conformidade com o dos humanos de verdade. A violência foi o modo de estar com a sua vida, uma exigência do que o poeta Edouard Glissant (2021) conjura como *transparência*, uma condição, a compreensão desde as exigências e métricas do “eu” (de pele alva, humano de verdade) para se estabelecer uma relação com o “outro”, subalterno de (suposta) primeira ordem, na qual a compreensão é sempre de que haveria algo nesse “outro” que falta, e por isso, é impossível lhe garantir alguma dignidade.

O que faltou para ela, mais do que condições econômicas, foi ser branca, cisgênera e nascida no sul/sudeste deste território, afirmações que faço acompanhado do testemunho do acontecido. Em uma das ligações para o SAMU, após a confirmação da urgência recebemos uma ligação, um retorno da atendente, indagando se éramos brasileiros, porque “o nome de vocês são diferentes, não parecem nomes brasileiros”. Aqui parece importante deixar o relato de que se tratam de nomes de origem indígenas, que opto por não contar, porque não se trata de um testemunho e uma elaboração a respeito de um caso isolado, os nomes aqui não importam, mas importa testemunhar que suas inconformidades com nomes euro cristãos foram suficientes para indagar a respeito de nossas nacionalidades, logo da valia de nossas vidas.

Já na Unidade de Pronto Atendimento, a UPA, na terceira tentativa por atendimento, as indagações do médico foram ainda mais contundentes na garantia de um saber-fazer transparente que buscou compreender o quadro dela desde métricas que não teriam outro destino, que não a incompreensão do que se passava naquele corpo. Ela não foi medicada, ainda que houvesse o relato de uma dor aguda e generalizada, a equipe médica se ateve somente a perguntas como “ela faz uso de drogas? é trabalhadora do sexo? o que ela faz da vida?”, tendo todas as respostas negativas, seu caso permaneceu em uma incógnita para a equipe, o que podia se passar com aquele corpo tão jovem, dissidente, que não se tratasse de enfermidades oriundas diretamente da marginalidade e de uma vida repleta de práticas questionáveis? Ao que o médico respondeu “essa dor dela está muito mal contada, ela precisa de um psiquiatra, e não temos um na unidade”, ela seguiu sem medicação, morreu no dia seguinte, por muito pouco não como indigente, a UPA não nos informou da morte, supôs que ela não possuía vínculos que se importassem com sua vida, foi apenas na tentativa de uma visita que descobrimos, ela já havia morrido há 8 horas.

Escrevo revivendo aqueles dias, e me fica a incerteza se vivi aquelas horas, me lembro de seu rosto vivo e de seu rosto no “reconhecimento” no instituto médico legal nas clínicas, a certeza de que ela ainda respirava, parecia viva aos meus olhos e corpo, me pergunto se a ficção foi a cena de seu corpo morto, e não a certeza de que ela segue viva, além carne. Não me recordo de onde veio a coragem para aquelas horas, parecia viver um filme, não parecia possível, foi um tremor, com o qual me restou a difícil tarefa de não retornar ao estado anterior a ele, talvez eu tenha sido ynundado (Seabra, 2022)

dessa coragem, a do viver-fazer sob a medida da vida. Eu sabia que dali em diante, o que eu deveria fazer, era garantir a dignidade que até ali foi negada. Então fizemos, e seguimos fazendo, sendo este texto/testemunho parte dessa estratégia.

Seria uma vergonha fazer menos que o mais simples dos biomas, do que os animais, apenas para restaurar a antiga ordem que a crise estilhaçou. Como se a árvore, em vez de se render a novas folhagens, a galhos impetuosos, se esforçasse para encontrar, para lastimar, aqueles que caíram com o vento (Glissant, 2023, p.149).

A MORTE ADUBA O BANDO

No dia de sua morte voltei para nossa conversa no café da manhã, estava ali, naquele acontecimento a exigência de navegá-lo desde a medida dos “mais simples dos biomas” (GLISSANT, 2023), porque a vida do bando também dependia disso, a minha vida dependia disso, de não findar a vida no trauma. O pedido era de se estar a altura do acontecido, nomear a violência, marcar uma distância dela, reiterar a vida, adubar o bando, confabular novas estratégias de vida, dar um destino para a sua memória, dizer desde a ferida (CAMARGO, 2024), ficar com a dor e dar dignidade a ela, para que o sofrimento fosse fugaz e o luto, ato.

Para que se siga temendo e tremendo a morte, mas sob as condições de uma navegação com mais tônus pela finitude do coração batendo, com a intuição aguçada de que não acaba aí, porque estar à altura do vivido requer navegar além do antropoceno, considerar as “leis” da terra molhada, das árvores, das encostas, margens de rio, fundo de oceano, brotos e suntuosas árvores. Não se trata de uma prospecção espiritualista o que digo, ainda que se possa, mas de uma radical condição do viver, levar às condições mais radicais que o corpo decomposto é adubo, que a memória endereçada para a sua dignidade é o adubo de um bando, de um junto.

Considerar a morte, consequência de uma violência brutal como o racismo e a transfobia, como adubo, não se funda em um romantismo de se preservar a memória às custas do esquecimento da perversidade e da tirania dos humanos de verdade no tempo dos humanos, mas se propõe findar o próprio romantismo e suas equações aniquiladoras e transparentes, o adubo condição da própria morte, da mais brutal, reivindica uma reparação, como convoca Vinciane Despret; *Os mortos fazem daqueles que ficam*

fabricantes de narrativas. Tudo começa a se movimentar - sinal de que alguma coisa ali insufla a vida (2023, p.22).

Para a morte adubar o bando, é preciso ficar com o tremor de sua própria sorte, o tremor nos permite que estejamos em real contato com o mundo (Glissant, 2023, p.102), endereçar o acontecimento, dar notícias, como relata Karina Acosta, psicanalista e pesquisadora, uma amiga querida, que a respeito dos testemunhos qualifica, durante uma conversa a respeito das violências, o céu escurecido de São Paulo, após as queimadas no pantanal em 2019, como testemunho, do qual não se é possível outra coisa a não ser habitar o relato, viver a afecção e daí em diante fazer algo com ela.

Em tempos de necropolítica, em que a aniquilação e hierarquização das diferenças se sustentam em projetos políticos “capengas”, e que o são porque não garantem dignidade e direitos para todas as vidas, incluo aqui a vida dos rios, de outros seres vivos, montanhas, biomas, faunas e floras, mas a tentativa de uma garantia de manutenção de uma hierarquia de poderes econômicos, políticos e sociais ao humano de verdade de pele alva. É preciso torcer o modo de vida para um que fique à altura das alianças entre espécies, da *opacidade* (Glissant, 2021) do desconhecido, da legitimidade da radical diferença sem a exigência da compreensão, é preciso “reclamarmos para todos o direito a opacidade”, como já conjurou Glissant (2021, p.225) na década de oitenta.

A justiça do adubo da morte inverte as condições, torce a cena, reivindica a opacidade de Glissant (2021) porque requer o não saber, mas a compreensão da cena da violência, um saber pragmático e pulsional (Schiavon, 2019) a respeito do que compete ao acontecimento. Em tempos de transparência, tecer além do ressentimento é uma força que dignifica a vida.

Em outras palavras, consentir com “mais um corpo morto” como falência de um grupo não convoca justiça ou reparação, tampouco dizer que as vidas ceifadas se configuram como ancestrais de uma luta, dão cabo de garantir a força da justiça da vida, da ynundação do rio após um desmatamento desenfreado de suas encostas. É o real de uma morte que dá condições para que se faça algo radicalmente comprometido com ele, que configura um agora sustentado pelo tônus de um porvir que já veio. O enfrentamento a violência requer uma relação na qual o ser é vivido conscientemente como encerramento, convoca o sendo do agora mais radical, o relato do acontecido, cru, que pede a feitura, o feityço e o ritual, movimento, ato e trato.

O contrário da vida não é a morte, mas o desencanto
(Simas;Rufino, 2019, p.5)

Os mortos nos obrigam a nos mover.
(Despret, 2023 p.22)

Meses após a sua morte, uma de nossas gatas sumiu, estava no bando há pelo menos sete anos e nunca havia passado sequer uma noite distante, algo me dizia que ela não voltaria, mas seguimos noites a fio sem sair de casa esperando que voltasse, chamando por seus inúmeros nomes, subindo em muros pela vizinhança, espalhando cartazes, indagando vizinhos e imaginando caminhos possíveis que ela poderia ter feito. Cogitei nunca mais sair de casa até que ela voltasse, acendi velas, fiz promessas, até que em uma noite sonhei com você, amiga, se sentou no sofá azul royal comigo, me perguntou o que se passava e relatei o sumiço dela. Mostrei o muro pelo qual ela havia saído, que dias depois foi cimentado pelo vizinho, lamentei que nem mesmo o buraco da fuga estaria disponível para o seu retorno, você me escutou atenta, como quem recebia uma mensagem. Noites depois, sonhei com dircinha, MD, bebê lirinha, e seus inúmeros nomes, tentava a todo custo pegá-la, mas corria de mim, corria pelo quarto no qual vivemos durante toda a pandemia de Covid-19, corria brincalhona enquanto eu corria agoniado, subiu na cama e me convidou para fazer o mesmo, transmutou, agora como uma criança faceira abriu a boca pequena para me dizer uma curta frase “só você ainda não entendeu que eu passei?”. Acordei aos prantos, porque o sonho operou como um *tremor* (Glissant, 2023) nesse território. Pedi notícias, e elas chegaram.

Os mortos nos convocam à vida, assim como os sonhos, operam sob condições éticas tais quais os atos clínicos, em linhas imperceptíveis e profundamente avassaladoras, adubam porque dão condições para novos galhos surgirem, passagens serem feitas, galhos engrossarem, rios encherem, trançados seguirem. Ela passou, e não tive condições de ficar com a passagem, mas foram conjuradas condições para que ela me dissesse que havia feito, e talvez se trate disso, as passagens não podem ser, são das gestões do sendo, do mistério, e convocam todas as dimensões do vivido, realoca a cognição na sua diferença

e não em sua condição hierárquica, não pede a compreensão, mas o mais profundo saber da intuição.

Aqui, neste testemunho, reivindico o adubo da morte, a justiça do encantamento, a dignidade da dor, para que seja possível uma luta por reparação das práticas e nas práticas, um fim da universalidade de raízes únicas e verdades absolutas, porque como nos lembra Glissant “nada é verdade, tudo é vivo”. E é na medida da vida que se pode operar uma ética, e para isso é preciso desromantizar a vida, reivindicar a fertilidade da morte, e desautorizar as medidas da verdade como percurso para as reparações diante de violências institucionais e dos modos de vida.

Para nós e para eles: a força das águas, na medida da vida, fertilidade e justiça. Para nós: que nossos mortos nos adubem, e que com eles contemos novas histórias sobre a vida, na medida dela, e não mais em nome do sonho de nossos algozes.

Para nós: a recusa do assujeitamento, da subalternidade.

Sobre o artigo:

Recebido: 22 de julho de 2024

Revisado: 18 de março de 2025

Aceito: 20 de março de 2025

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Karina Acosta, **Testemunhos desde a ferida**, São Paulo - SP, Editora Patuá, 2024.

DESPRET, Vinciane, **Um brinde aos mortos: Histórias daqueles que ficam**, São Paulo, Editora N-1, 2023.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2013.

_____. **Poética da relação**. Rio de Janeiro, Editora Bazar do Tempo, 2021.

_____, e Hans Ulrich, **Conversas do Arquipélago**. Rio de Janeiro, Editora Cobogó, 2023.

KRENAK, Ailton: **Ideias para adiar o fim do mundo**. São paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHIAVON, P. **Pragmatismo pulsional: clínica psicanalítica**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

Seabra, Carú Ynymagynável de Paula; Ribeiro, Carú de Paula Seabra Moreira. **Jornal da Exystêncyá: conjurando terrytórys férteys em tempos de fym de mundo**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Simas, Luiz A., & Ruffino, Luiz. (2019). **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula.

SODRÉ, Muniz, **O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional**, Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2023